

DEBATE DE OPINIÃO: PERSPECTIVA DISCURSIVA EM UM  
CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO  
FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Sandra Falcão da SILVA  
(Universidade de São Paulo)  
[sandra.falcao@usp.br](mailto:sandra.falcao@usp.br)

*RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão teórica desenvolvida a partir do quadro teórico-metodológico do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 2009; SCHNEUWLY; DOLZ, 2010). Nele, analisamos um debate público de opinião em francês, no qual destacamos a infraestrutura geral do texto, bem como os mecanismos enunciativos e de textualização da polidez, que se fundamentam sobre a noção de face (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). O modelo didático, desenvolvido neste estudo, aponta, ainda, dimensões ensináveis desse gênero de texto em um contexto de ensino-aprendizagem do Francês como Língua Estrangeira.*

*PALAVRAS-CHAVE: interacionismo sociodiscursivo; gênero textual; contexto de produção; Francês como Língua Estrangeira.*

*ABSTRACT: This paper presents a theoretical reflection developed on the basis of the theoretical and methodological framework of sociodiscursive interactionism (BRONCKART, 2009; SCHNEUWLY; DOLZ, 2010). Herein, we analyze a public opinion debate in French, in which the text's overall infrastructure is highlighted, as well as the enunciative and textualization mechanisms of politeness, which are founded on the notion of face (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). The didactic model, developed in this study, also points out teachable dimensions of this genre of text within a context of teaching-learning of French as a Foreign Language.*

*KEYWORDS: sociodiscursive interactionism; textual genre; context of production; French as a Foreign Language.*

## Considerações iniciais

Este artigo<sup>1</sup> tem por objetivo demonstrar a pertinência do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 2009) para o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Mais especificamente, pretende-se explorar, por meio do gênero debate de opinião, um tipo de interação que marca culturalmente a sociedade francesa. Com isso, coloca-se em evidência um fazer didático que privilegia uma abordagem discursiva da língua, em um nível correspondente ao B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL).

De acordo com Bérard (2010: 23), a competência discursiva é raramente explorada nos métodos generalistas de Francês como Língua Estrangeira (FLE), constituindo uma lacuna e ficando por conta do professor de línguas a responsabilidade de pô-la em prática em suas aulas. Sobre essa questão, Jereczek-Lipinska (2007: 33, tradução nossa) faz precisamente a seguinte observação:

A classe de FLE resiste ainda consideravelmente à abordagem discursiva. A prática pedagógica comprova, com frequência, que o implícito é bastante ausente no ensino-aprendizagem do FLE. Contudo, trabalhar somente a parte explícita da língua é reduzi-la a sua esfera mais banal, privando, com isso, o público de seu lado "pitoresco". A passagem da estática do texto à dinâmica do discurso revela-se uma boa ocasião para avançar nessa direção.<sup>2</sup>

Assim, baseando-nos na proposta teórico-metodológica do ISD e, como recorte mais específico, da noção de *face* da Análise da Conversação, cujos subsídios teóricos apresentamos na primeira seção deste artigo, propomos desenvolver a competência de expressão oral considerando aspectos linguístico-discursivos, condição *sine qua non* para despertar no aluno de língua estrangeira, conforme aconselha o

---

<sup>1</sup> Estudo desenvolvido sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Lousada para a disciplina "Reflexões e Práticas sobre o Ensino-Aprendizagem de Gêneros Textuais em Língua Estrangeira e sobre a Produção Escrita Universitária", do programa de Pós-Graduação do Departamento de Línguas Modernas da Universidade de São Paulo (FFLCH).

<sup>2</sup> No original, em francês: "La classe de FLE resiste encore considérablement à l'approche du discours. Et la pratique du terrain prouve plus d'une fois que l'implicite est un grand absent de l'enseignement/apprentissage du FLE. Or, ne travailler que la part explicite de la langue, c'est la réduire à sa sphère la plus banale et privé ainsi le public de son côté 'pittoresque'. Le passage de la statique du texte à la dynamique du discours s'avère être une bonne occasion pour avancer dans cette direction".

QECRL, certo *saber ser* em um contexto de ensino-aprendizagem de outra cultura.

Define-se o *saber ser* como um dispositivo individual, um traço de personalidade, um dispositivo de atitude, que diz respeito, por exemplo, à imagem de si e dos outros, ao caráter introvertido ou extrovertido manifestado na interação social (CONSEIL DE L'EUROPE, 2000). A ideia de trabalharmos com o debate de opinião em FLE surge dessa definição mínima do *saber ser*, bem como de uma caracterização do gênero "debate público", apresentada por Schnewly e Dolz (2010), autores que se debruçaram sobre o ensino-aprendizagem de gêneros orais e escritos em língua materna. A nosso ver, o gênero debate de opinião é, com frequência, trabalhado de modo superficial nos métodos de ensino, apenas para incentivar a expressão oral ou suscitar a simples discussão em língua estrangeira. Entretanto, qualquer que seja sua forma, o debate representa, na sala de aula, um lugar privilegiado de "construção interativa – de opiniões, de conhecimentos, de ações, de si –, um motor do desenvolvimento coletivo e democrático" (SCHNEUWLY; DOLZ, 2010: 216).

Em função disso, apresenta-se, na segunda seção deste artigo, o modelo didático de um debate de opinião em francês, no qual procuramos colocar em evidência a *infraestrutura* geral do texto, bem como os mecanismos enunciativos e de textualização da polidez – que se fundamenta sobre a noção de *face* – entre os atores sociais desse gênero de texto. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006: 77), o funcionamento da polidez, nas interações verbais, recobre "todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal"; com isso, tais aspectos "exercem uma pressão muito forte sobre a produção de enunciados". Esse aspecto pareceu-nos pertinente, considerando o fundo geralmente controverso do gênero debate de opinião e tendo em conta o conceito de "saber ser", acima definido.

## 1. Fundamentação teórica

### 1.1. Um modelo de análise de ação de linguagem

O Interacionismo Sociodiscursivo considera que "as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos" (BRONCKART, 2009: 21), entre eles, a linguagem. Assim, por meio da atividade de linguagem, participamos das avaliações sociais julgando o agir do outro não só em relação a determinado contexto de produção, mas, também,

em relação aos mundos representados pelos seus agentes. Na visão de Bronckart (2009: 43), esses agentes são dotados

[...] de capacidades cognitivas e comportamentais inferíveis de sua relação com o mundo objetivo, de um papel e de uma posição inferíveis de sua relação com as normas do mundo social e, enfim, de propriedades pessoais, inferíveis de seu estilo próprio de participação na atividade.

Esses mundos representados definem o contexto próprio do agir humano, do qual se depreendem algumas leis que codificam os conhecimentos elaborados sobre o meio físico, sobre as normas que regulam as interações entre os indivíduos e sobre o agente humano que avalia as qualidades particulares da ação de linguagem. Essas representações determinam, com isso, a seleção dos signos verbais constituindo o aspecto *sociosubjetivo* do contexto de ação de linguagem, contexto que deve ser entendido e analisado.

O contexto de ação de linguagem constitui-se, assim, de três aspectos: o *sociosubjetivo*, que diz respeito às representações pessoais referentes às normas sociais e à imagem que convém dar de si mesmo, orientando as escolhas dos signos dentre as diversas possibilidades que uma língua oferece para semantizar um mesmo referente; o *físico*, ou seja, as representações construídas pelo agente sobre si mesmo, sobre seus interlocutores e sobre a situação espacial e temporal de seu ato; o *verbal*, isto é, a importância dos conhecimentos, práticos e contextualizados que o agente tem sobre a língua e, mais especificamente, pelos conhecimentos da intertextualidade (BRONCKART, 2009).

Somos, portanto, como explica Charaudeau (2008: 51), seres sociais porque partilhamos uma identidade com os outros, visto ser impossível conceber nosso "eu" sem nossa socialização, e seres individuais cujo anseio é construir uma identidade, pois é difícil conceber nosso "eu" sem nos distinguir dos outros. Decorrente disso, em um contexto de ação de linguagem, somos quase sempre constrangidos pelas normas e pelas convenções da linguagem que partilhamos com o grupo e relativamente livres para fazer escolhas verbais que nos caracterizam de forma exclusiva.

Essa particularização passa pelo domínio, conforme assinalado acima, de capacidades que determinam nossa aptidão para "encenar" nosso discurso em dada situação, com vistas a garantir efeitos de legitimidade, de credibilidade e de persuasão, algo desejável em um debate de opinião, como veremos mais adiante. Essa "capacidade de

encenação” da linguagem é passível de ser ensinada. Mas, antes de entrarmos nas particularidades do modelo de análise aqui proposto, torna-se indispensável definir os conceitos de texto e de gênero textual adotados pelo quadro teórico-metodológico do ISD.

O conceito de gênero tem sua origem na obra de Bakhtin (1979), que o definiu como um “tipo relativamente estável de enunciado, presente em cada esfera da atividade humana e sócio-historicamente construídos”. Em uma perspectiva bakhtiniana, o gênero funciona como uma espécie de “contrato” que nos obriga a desempenhar certos papéis na sociedade e a “jogar correto”, visto que sua transgressão pode resultar na inadequação à situação de comunicação na qual nos encontramos (MAINGUENEAU, 2005: 50).

No ISD, é importante salientar que as definições adotadas em torno dos conceitos de texto e de discurso diferem das apresentadas em outras correntes teóricas da linguística do discurso, ainda que não sejam incompatíveis. Para Bronckart, o agir languageiro – ou seja, as práticas de linguagem em situação de ação – realiza-se por meio de textos. Nas palavras de Lousada (2010), o texto corresponde a uma unidade interativa que pode ser definida como

[...] uma unidade organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário, em um determinado espaço e num determinado tempo. Dessa forma, como existem diferentes formas de agir languageiro, ou de textos, o autor [Bronckart] propõe o uso de “gênero de textos” e não de gêneros do discurso, considerando que as expressões são equivalentes. [...] segundo Bronckart (2006) todo texto pertence sempre a um gênero, apresentando propriedades genéricas, resultantes de escolhas do gênero textual que parece adaptar-se à situação, mas tem especificidades sempre únicas, que derivam das escolhas do produtor em função de sua situação de produção.

Para a análise de qualquer gênero de texto, Bronckart (2009: 119) propõe, então, um modelo da arquitetura interna dos textos, aparelho conceitual segundo o qual todo o texto apresenta três níveis sobrepostos, denominados *folhado textual*. O *folhado* é composto pela *infraestrutura geral do texto*, os *mecanismos de textualização* e os *mecanismos enunciativos*.

No nível da *infraestrutura geral*, analisam-se as características mais profundas e mais gerais do texto, como: os tipos de discurso, os conteúdos temáticos e as sequências que nele aparecem. É primordial esclarecer, ainda, que Bronckart (2009: 155) define quatro tipos de

discursos, ou mundos discursivos, passíveis de ser identificados em qualquer texto, são eles: o narrar disjunto implicado (relato interativo), o narrar disjunto autônomo (narração), o expor conjunto implicado (discurso interativo) e o expor conjunto autônomo (discurso teórico). No plano geral, observa-se a organização de conjunto dos conteúdos temáticos do texto e a maneira como esses tipos de discurso se articulam. A noção de sequência, ou de sequencialidade, se baseia em Adam (1992) e designa cinco modos básicos de planificação linguageira mais convencional, que se desenvolvem no interior do plano geral do texto, são elas as sequências: narrativa, argumentativa, explicativa, descritiva e dialogal.

No nível dos *mecanismos de textualização* analisam-se três mecanismos de textualização: o da conexão, o da coesão nominal e o da coesão verbal.

Por fim, no nível dos *mecanismos enunciativos*, analisam-se os posicionamentos enunciativos, as vozes expressadas no texto, as avaliações feitas por meio de modalizações (lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas), visando a orientar a interpretação do texto por parte do destinatário.

### *1.2. A sequência didática na perspectiva do ISD*

Na perspectiva do interacionismo social, o gênero é considerado um instrumento mediador capaz de desenvolver capacidades individuais. A intervenção desse instrumento, que lembramos ser socialmente elaborado, possibilita dar forma à atividade de linguagem, sendo que sua transformação implica modificações na maneira como nos comportamos em determinado contexto de ação. No ISD, concebe-se, a partir dos estudos de Rabardel, o instrumento com duas faces:

[...] por um lado, há o artefato material ou simbólico, isto é, o produto material existente fora do sujeito, materializando, por sua própria forma, as operações que tornam possíveis os fins aos quais o instrumento é destinado; por outro lado, – o do sujeito –, há os esquemas de utilização do objeto que articulam suas possibilidades às situações de ação (por exemplo, tarefas a resolver). (SCHNEUWLY; DOLZ, 2010: 21)

Assim, o instrumento, para mediar e transformar a realidade, precisa ser apropriado pelo sujeito aprendiz, que deve tomar consciência de seus esquemas de utilização em determinada situação de ação. Contudo, ainda que esse sujeito tenha um conhecimento intuitivo do

gênero, em função de sua estabilidade e de seu caráter social, seus modos mais formais de organização precisam ser ensinados. Nesse sentido, Cristovão (2009: 306) argumenta:

Enquanto os gêneros mais informais vão sendo apropriados no decorrer das atividades cotidianas, sem necessidade de ensino formal, os gêneros mais formais, orais ou escritos, necessitam ser aprendidos mais sistematicamente, sendo seu ensino uma responsabilidade da escola cujas funções englobam a atividade de propiciar o contato, o estudo e o domínio de diferentes gêneros usados na sociedade. Por isso, o gênero, forma de articulação das práticas de linguagem, pode ser o eixo organizador das sequências didáticas, consideradas instrumento de mediação.

Partindo do modelo da arquitetura interna de um texto, cuja análise será desenvolvida na segunda seção deste artigo, a sequência didática possibilitará dar acesso aos alunos às novas práticas de linguagem ou àquelas dificilmente domináveis e que precisam ser aprimoradas. Para tanto, a sequência didática deve, impreterivelmente, obedecer a um esquema que contempla: a apresentação da situação de ação, uma produção inicial por parte dos alunos, a realização de módulos de ensino nos quais serão trabalhados os “problemas” que apareceram na primeira produção e, por fim, a produção final que dará ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos trabalhados nos módulos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2010).

Esses passos constituem, como explica Cristovão (2009: 305), o projeto de classe, sendo que o papel da sequência didática é o de “proporcionar um conjunto de atividades que propicie a transposição didática adequada de conhecimentos sobre os gêneros ao mesmo tempo em que explore a esfera de circulação dos textos produzidos”, justificando, a nosso ver, seu interesse em um contexto de ensino-aprendizagem de outra língua, ou seja, de outra cultura.

### *1.3. Definição do gênero de texto “debate de opinião”*

O debate de opinião é um gênero de texto facilmente reconhecível e os modelos televisivos costumam dominar nossas representações sociais. Com isso, esses modelos constituem geralmente os textos de referência em um contexto de ensino.

Retomando o que dissemos nas considerações iniciais deste artigo, a ideia de trabalhar com o debate de opinião em FLE surgiu da definição

mínima do “saber ser” apresentada no Conseil de l’Europe (2000) e da definição do gênero “debate público” apresentada por Schneuwly e Dolz (2010), que se debruçaram sobre o ensino-aprendizagem de gêneros orais e escritos em língua materna.

Segundo Schneuwly e Dolz (2010), o debate desempenha um papel importante em nossa sociedade, pois pressupõe o domínio de um conjunto de capacidades privilegiadas, como: a gestão da palavra entre os participantes, a escuta do outro, a retomada de seu discurso em suas próprias intervenções, entre outras. Com isso, o debate coloca em jogo capacidades fundamentais, como as linguísticas (técnicas de retomada do discurso do outro, marcas de refutação etc.), as cognitivas (capacidade de crítica), as sociais (escuta e respeito pelo outro) e as individuais (capacidade de se situar, de tomar posição, construção de identidade). Além disso, trata-se, ainda, de um gênero relativamente bem definido.

Entre os diversos tipos de debates possíveis (de opinião, de deliberação ou de resolução de problemas), escolhemos o debate de opinião, de fundo mais controverso, por tratar-se de um poderoso instrumento que possibilita pôr em prática as capacidades de ação de linguagem e de argumentação dos alunos, como também de compreender melhor um assunto polêmico, por suas diferentes facetas, com o objetivo de formar uma opinião ou até mesmo de transformá-lo.

Mas, para tanto, torna-se indispensável fornecer aos aprendizes elementos linguísticos e discursivos que possibilitam tomadas de posições que possam tornar-se, efetivamente, objetos de debate, trazendo aspectos ou pontos de vista opostos, condição mínima para dar sentido ao gênero, garantindo, com isso, uma tomada de posição. Para tanto, um trabalho de pesquisa precisa ser contemplado na montagem das sequências didáticas.

#### *1.4. O conceito de face e de polidez na interação verbal*

O estudo da polidez, na pragmática linguística, ultrapassa o uso de fórmulas encontradas em manuais de boa convivência ou de etiqueta. Embora se aplique aos comportamentos verbais e não verbais, focaremos, aqui, a polidez linguística. Para tanto, apresentamos alguns subsídios teóricos necessários, em função dos objetivos deste artigo.

A concepção de polidez se fundamenta sobre a noção de *face* emprestada do sociólogo canadense E. Goffman e, sobretudo, dos estudos, desenvolvidos a partir dos anos 1970 pelos linguistas americanos Brown e Levinson. Segundo esses autores, todo indivíduo possui uma *face negativa* – imagem interna do “eu” – e uma *face*

*positiva* – imagem social que o interlocutor constrói de si e procura “impor” a seu destinatário. Qualquer ato de linguagem em “face a face” é, assim, susceptível de ameaçar a imagem do outro, principalmente num gênero no qual se pressupõe o confronto de ideias e de posições, como acontece no debate de opinião, objeto deste artigo. Esses atos de fala suscetíveis de ameaçar a face do outro, denominados *face threatening acts* (FTAs), dividem-se em quatro categorias (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006):

- atos de ameaçam a *face negativa do locutor*: a oferta e a promessa;
- atos que ameaçam a *face positiva do locutor*: a confissão, a desculpa e a autocrítica;
- atos que ameaçam a *face negativa do destinatário*: as perguntas indiscretas, a ordem, a interpelação, a proibição ou o conselho;
- atos que ameaçam a *face positiva do destinatário*: a crítica, a refutação, a reprovação, o insulto, a injúria, a chacota e o sarcasmo.

Decorrente disso, nas interações verbais existe um desejo, por parte dos interactantes, de preservação das faces, denominado *face want*. Essa necessidade de preservação das faces realiza-se por meio de um trabalho de figuração, denominado *face work*. Esse trabalho implica estratégias cuja escolha depende do grau de gravidade de FTA, bem como da relação e do status social dos interlocutores, ou seja, da situação de ação de linguagem. Contudo, convém salientar existirem, ainda, atos que, em vez de ameaçar, valorizam essas mesmas faces, como no caso do elogio ou do agradecimento. O lado positivo do FTA é, assim, denominado *face flattering acts* (FFAs).

A fim de entendermos melhor como isso se materializa no texto, identificamos, a seguir, os elementos linguísticos da polidez negativa e da positiva, em uma situação de interação verbal. Esses elementos permitirão avaliar, no modelo didático, os aspectos que visam a garantir o caráter harmonioso das interações em um debate de opinião, em um contexto de ensino-aprendizagem do FLE.

#### 1.4.1. A manifestação linguística da polidez negativa

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a manifestação linguística da polidez negativa realiza-se por meio de elementos *suavizadores*, *substitutivos* ou *acompanhantes*. Esses procedimentos consistem em evitar formulações mais diretas, preferindo as mais suaves, ou seja, a

escolha de atos aparentemente menos coercitivos, que servem para “edulcorar” os FTAs.

Assim, os interactantes costumam recorrer a elementos *suavizadores substitutivos*, como os verbos modais no futuro do pretérito, no lugar do imperativo, como é o caso numa ordem; a utilização de perguntas que equivalem a uma reprovação ou a uma refutação (“Você acha mesmo?”); as confissões de incompreensão (“Confesso não entender...”) que, na realidade, equivalem a uma crítica, já que se subentende que o outro não sabe expressar-se claramente ou não soube convencer adequadamente. Outros procedimentos *suavizadores substitutivos* citados por Kerbrat-Orecchioni (2006) são os *desatualizadores modais, temporais* ou *pessoais*, pelo uso: do condicional; do apagamento da referência direta do interlocutor por meio do emprego da voz passiva; dos pronomes pessoais, como, por exemplo, o uso polido do “nós” ou da expressão “a gente” (o pronome pessoal “on” em francês) com valor de solidariedade e pelo uso de alguns procedimentos retóricos como as lýtotes e os eufemismos.

Quando aos procedimentos *suavizadores acompanhantes*, estes consistem em suavizar uma enunciação que pode constituir uma ameaça à face do outro, acompanhando-a de uma fórmula especial, tal como: por favor, se for possível, se puder ser etc. Observamos tratar-se de expressões hipotéticas que acompanham o ato, possivelmente, ameaçador. A autora inclui, ainda, nessa categoria, alguns procedimentos de reparações, tais como: as reparações por realizações explícitas que consistem no pedido de desculpas e na justificação; as reparações por realizações implícitas por meio da descrição de um estado de alma (“Sinto-me arrependido”), por meio de justificações que são, na realidade, um pedido de desculpas (“Fiquei meia hora no trânsito”). Esses procedimentos de reparações ameaçam, inevitavelmente, a face positiva de quem os produz.

Outros procedimentos *suavizadores acompanhantes* possíveis são: os minimizadores pelo uso do sufixo diminutivo “-inho” ou de alguns advérbios; os verbos modalizadores; os desarmadores antecipando uma possível reação negativa ao ato (“Espero que não me interprete mal...”); os moderadores que se aproveitam, de certa forma, do lado “narcísico” do outro visando a “mascarar” o FTA (“Você redige melhor do que eu, escreva essa carta para mim”).

#### 1.4.2. A manifestação linguística da polidez positiva

A manifestação linguística da polidez positiva é mais facilmente verificada na interação verbal, uma vez que funciona como

“antiameaçador” para o destinatário. Os procedimentos mais comuns são: as manifestações de acordo, de oferta, de elogio, de agradecimento, as fórmulas votivas ou de boas-vindas. Seus procedimentos linguísticos mais marcantes são: o modo superlativo (“Muito obrigado”, “Infinitamente grata a você”); a litotização de enunciados impolidos (“Está um pouquinho salgado para o meu gosto”) e a hiperbolização de enunciados polidos (“Está absolutamente delicioso”) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Propomos, a seguir, a elaboração do modelo didático a fim de verificar como esses procedimentos se organizam em um debate de opinião veiculado na mídia francesa. De acordo com Cristovão (2009: 320), com base nos estudos de Roulet, o professor de língua deve sempre ter um conhecimento preciso sobre a organização do gênero com o qual pretende trabalhar, com vistas a “avaliar e corrigir de forma útil as produções tanto orais como escritas dos aprendizes e lhes fornecer informações que lhes permitem progredir no ensino-aprendizagem da competência discursiva”, em língua materna e em língua estrangeira.

## 2. Análise de um debate de opinião em contexto francês

### 2.1. O modelo de análise didática

Nesta seção, apresenta-se o modelo didático de um debate de opinião televisivo cujo contexto de produção é o programa francês intitulado *L'Objet du Scandale* [*O Objeto do Escândalo*], transmitido em 3 de fevereiro de 2010, no canal de televisão aberta France 2, sobre o tema “L'affaire de la burqa”,<sup>3</sup> ou seja, em torno do uso polêmico da burca em locais públicos, pela comunidade de tradição muçulmana. É importante salientar que esse debate aconteceu antes da aprovação, pelo senado francês, em 14 de setembro de 2010, do projeto de lei que proíbe o uso de burca em locais públicos.

Participam do debate, contra o futuro projeto de lei, quatro pessoas: a muçulmana francesa KENZA Drider (locutor 1, portadora do véu muçulmano); uma amiga dela, Marie-France (locutor 2), católica praticante; Gérard Miller (locutor 5), psicanalista, cronista e professor na Universidade Paris VIII, figura polêmica por suas tomadas de posição, geralmente, radicais sobre assuntos controversos; e Elisabeth

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iu8kdLDf1oI>. Acesso em: 19 jun. 2011.

Guigou (locutor 3), política francesa do partido socialista, nascida no Marrocos.

A favor do futuro projeto de lei, participam do debate, duas pessoas: Catherine Nay (locutor 6), diretora editorial da rádio francesa Europe 1 e François Baroin (locutor 4), homem político francês de centro-direita que está na origem do projeto de lei. O debate é mediado pelo jornalista Guillaume Durand, conhecido apresentador de televisão na França.

Considerando o texto midiático como “uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2006: 12), é-nos possível afirmar que a instância midiática France 2, na montagem desse debate de opinião, procurou convidar sujeitos sociais representativos das diversas opiniões e, mais especificamente, de posições antagônicas sobre o tema colocado em discussão. Temos, então, como potenciais destinatários uma instância de recepção portadora de valores “ético-afetivo-sociais” levados em consideração pela instância midiática cujo objetivo é apresentar uma informação que, por meio do debate, possa corresponder às suas expectativas, garantindo, assim, um efeito de captação de audiência.

Com base nessa contextualização, define-se como situação de ação o gênero oral debate de opinião em torno de um assunto polêmico “proibição do uso da burca em locais públicos na França”. Em função de nossos objetivos, selecionou-se um debate que pudesse garantir, de fato, a presença de divergências de opiniões – fugindo da “simples discussão” –, a fim de verificar o uso, ou não uso, de procedimentos que buscam manter o caráter harmonioso da interação, por meio de mecanismos enunciativos e de textualização da polidez linguística, como definido na seção anterior.

Antes de apresentar os resultados dessa análise, apresentamos, primeiramente, o modelo didático realizado a partir do modelo da arquitetura interna desse gênero de texto, isto é, do *folhado textual*, conforme definido na subseção 1.1. deste artigo.

## 2.2. Modelo didático

### 2.2.1. Contexto de produção

Enunciador	No caso, pode-se considerar a existência de um megaenunciador France 2, constituído de 6 enunciadores convidados e do apresentador mediador, como definido acima.
------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Destinatário	Telespectadores do programa <i>L'Objet du Scandale</i> e, de certa forma, a instância "opinião pública" francesa, que se encontra dividida sobre a questão colocada em discussão.
Objetivo	Formar opinião sobre a pertinência, ou não, de uma lei proibindo o uso da burca em locais públicos (visando a um efeito de captação de audiência).
Local social	Emissora de televisão France 2, página da internet pertencente à emissora ou que possam ter reproduzido o debate em questão (no site <i>YouTube</i> por exemplo).

### 2.2.2. Infraestrutura geral do texto

Contexto físico	Encenação espetáculo televisivo. Mesa com participantes a favor da proibição da burca, de um lado, e contra, do outro. Música do programa no início, apresentação dos participantes. Público e apresentador/mediador.
Plano global do conteúdo temático	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura do programa, música e apresentação do tema "burca motivo de escândalo?".</li> <li>- Entrada e apresentação dos participantes – futuros interactantes.</li> <li>- Interação do apresentador com a primeira participante representação da mulher francesa portadora de burca (ou niqab).</li> <li>- Interação do apresentador com os demais participantes, primeiramente, a favor, em seguida, contra o projeto de lei. Tomada de turnos controlada pelo apresentador.</li> <li>- Em alguns momentos, algumas superposições nas interações entre os participantes, mas sempre sob o controle do apresentador, e em número reduzido.</li> <li>- Palavras de conclusão dos participantes.</li> <li>- Fechamento do debate e agradecimentos.</li> </ul>
Tipos de discurso	<p><i>Predomínio do discurso interativo.</i> Exemplo:          "Apresentador: <i>tradition ne veut pas dire religion hein?</i>          [tradição não significa religião certo?]          Loc 1: <i>oui oui tradition culturelle ne veut pas dire religion</i>          [sim sim tradição cultural não quer dizer religião]          Apresentador: <i>oui on est bien d'accord</i> [sim estamos de acordo]          Loc. 1: <i>mais voilà mais le niqab ce fait référence à</i></p>

	<p><i>certaines à certains dires de notre profète à nous et et aux dires et aux lectures sur les femmes de notre profète qui portaient ce genre de voile [...]</i> [mas aí está mas o niqab faz-se referência a certos a certos dizeres de nosso profeta o nosso e aos dizeres e às leituras sobre as mulheres de nosso profeta que usavam esse tipo de véu] <i>Pequenos segmentos de relato interativo, assemelhando-se ao discurso político. Exemplo:</i></p> <p><i>"Loc. 4: [...] le président du conseil du culte français musulman que nous avons interrogé à la mission parlementaire que nous avons auditionné au groupe parlementaire de l'UMP a clairement affirmé la position du culte musulman burqa ou le niqab c'est une dérive sectaire je dirais même même Tariq Ramadan qui est devenu venu devant la mission parlementaire nous a expliqué que ça n'était pas une prescription religieuse [...]"</i> [o presidente do conselho do culto francês muçulmano que entrevistamos na ocasião da missão do parlamento que nós escutamos no grupo de membros do parlamento da UMP afirmou claramente a posição do culto muçulmano burca ou niqab é uma deriva "seitária" eu diria até até Tariq Ramadan que se tornou veio perante a missão do parlamento nos explicou que não era uma prescrição religiosa]</p>
Tipos de sequências	<p><i>Predomínio de sequências dialogais. Exemplo do trecho visto acima (discurso interativo).</i></p> <p><i>Predomínio de sequências argumentativas. Exemplo:</i></p> <p><i>"[...] voilà et donc je n' suis contre une loi générale parce que je pense que rien ne serait pire que d'avoir une loi inapplicable je pense ça ferait le jeu justement des extrémistes je pense que c'est un phénomène marginale et que on ferait beaucoup mieux de le considérer comme tel en tous cas pour les femmes qui sont enfermées dans ces dérives sectaires c'est-à-dire [...]"</i> [é isso e então sou contra uma lei geral porque eu penso que nada seria pior do que de ter uma lei inaplicável eu penso seria precisamente o jogo dos extremistas eu penso que é um fenômeno marginal e a gente deveria considerá-la como tal em todo o caso para as mulheres que se encontram presas nessas derivas "seitárias" ou seja [...]</p> <p><i>Sequências descritivas. Exemplo:</i> <i>"[...] cette jeune femme qui va d'abord rentrer avec son amie Marie-</i></p>

	<p><i>France s'appelle Kenza (música e aplausos do público) voilà (música e aplausos do público) Kenza rentre elle va (música) voilà et Elisabeth Guigou donc qui nous retrouve aussi sur le plateau de l'objet du scandale [...]"</i>          [esta jovem mulher que primeiramente vai entrar com sua amiga Marie-France chama-se Kenza (música e aplausos do público) aqui (música e aplausos do público) aqui está Elisabeth Guigou então que vem ao nosso encontro também no estúdio do programa <i>L'objet du scandale</i>]</p> <p><i>Sequências injuntivas.</i> Exemplo: "<i>alors écoutez</i>", "<i>allez-y allez-y</i>", "<i>mais c'est pas à vous de distribuer la parole, foutez-leur la paix</i>" [escute, continue continue, mas não é você que deve distribuir a palavra, deixe-as em paz]</p> <p><i>Sequências explicativas.</i> Exemplo: "[...] <i>nous portons les valeurs de la République et les valeurs de la République au titre du bien vivre ensemble au titre certainement de la dignité de la femme et au titre de l'ordre public à visage découvert découvert qui est une forme de respect et qui est aussi une forme d'ouverture d'écoute d'attention et qui est une forme de protection des autres [...]"</i> [nós carregamos os valores da República e os valores da República a favor do bem viver junto certamente da dignidade da mulher e da ordem pública com o rosto descoberto descoberto que é uma forma de respeito e que é também uma forma de abertura de escuta de atenção e que é uma forma de proteção dos outros]</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

### 2.2.3. Unidades linguístico-discursivas

<p>Coesão nominal</p>	<p><i>Nomes próprios:</i> Kenza, Marie-France, Elisabeth Guigou, François Baroin, Nicolas Sarkozy, Jamel Debbouze, Tariq Ramadan, André Gérin.</p> <p><i>Instâncias políticas e religiosas:</i> <i>Nicolas Sarkozy est le Président de la République "la burqa" a-t-il dit</i> [Nicolas Sarkozy, é o Presidente da República, disse "a burca"...], <i>les féministes ne supportent pas</i> [as feministas não suportam...], <i>le président du conseil du culte français musulman [...]</i> <i>a clairement affirmé</i> [o presidente do conselho do culto francês muçulmano claramente afirmou...], <i>la plupart des musulmans respectent</i> [a</p>
-----------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>maioria dos muçulmanos respeitam...], <i>si la loi vient à passer</i> [se a lei acaba passando] <i>cette loi elle s'adresse</i> [essa lei ela se dirige], <i>les femmes se sont battues</i> [as mulheres combateram] etc.</p> <p><i>Instâncias relativamente indefinidas (para os franceses, os terroristas, os povos): les gens, ici en France, font</i> [as pessoas, aqui na França, fazem...], <i>on est en France et que les gens s'habillent comme ils veulent</i> [estamos na França e as pessoas se vestem como querem...], <i>la plupart des gens qui ont fait sauter</i> [as pessoas que fizeram explodir], <i>chacun a ses croyances</i> [cada um tem suas crenças...] etc.</p> <p><i>Uso de pronomes sujeitos:</i> Predomínio do "je" (eu) nas tomadas de posição e do "vous" (uso formal entre os franceses – o senhor ou a senhora) nas interpelações, perguntas, por parte do apresentador e entre os participantes. Predomínio ao longo do debate do pronome sujeito plural com valor de solidariedade "nous" ou "on" (nós ou a gente). Os interactantes não se expressam sozinhos: "nós" com valor de "os franceses", "os políticos", "as mulheres muçulmanas" etc.</p> <p><i>Outros pronomes:</i> <i>cette polémique, cette loi</i> [essa polêmica, essa lei], <i>ton Islam</i> [teu Islã], <i>de lui ouvrir ses bras</i> [abrir seus braços para ele], <i>une République comme la nôtre</i> [uma República como a nossa] etc.</p>
<p>Coesão verbal</p>	<p><i>Predomínio de verbos modais seguidos de infinitivos:</i> (querer, poder, dever + infinitivo): <i>je veux vous présenter, elle veut porter, je veux arrêter, vous voulez dire, on peut pratiquer, je veux dire, elle voulait se soumettre, vous devrez l'appliquer, je dois dire, je voudrais terminer, vous devrez la payer, je voudrais poser, je voudrais qu'on vous écoute</i> etc. [eu quero apresentar a vocês, ela quer vestir, eu quero parar, você quer dizer, podemos praticar, eu quero dizer, ela queria se submeter, você deve aplicar, eu devo dizer, eu gostaria de terminar, você deve pagá-la, eu queria (gostaria de) perguntar, eu queria (gostaria) que escutasse etc.]</p> <p><i>Predomínio de verbos no presente:</i> <i>je vous propose, vous savez, vous avez, on n'arrête pas, je suis, nous nous portons, je me sépare, on partage</i> etc. [eu proponho, eu sei, você tem, não paramos, eu sou, nos vestimos, eu me</p>

	<p>separo, partilhamos etc.]</p> <p><i>Predominio de verbos no "futur proche" (futuro mais recente – ir + infinitivo): on va retrouver, qui va venir, je vais me permettre, je vais demander, on va pas pouvoir etc. [vamos reencontrar, que está por vir (virá), eu vou me permitir, eu vou perguntar, vamos poder etc.]</i></p> <p><i>Verbos no futuro: nous parlerons, on parlera, les féministes qui seront, j'irai travailler, je demanderai, j'y reviendrai, elle ne sera pas, elle sera débattue, ce sera etc. [falaremos, as feministas que serão, irei trabalhar, eu perguntarei etc.]</i></p> <p><i>Verbos no passé composé (passado recente do francês): j'ai décidé, j'ai pas arrêté, j'ai fait... vous avez entendu parler, les femmes se sont battues, on a décidé [tempo que equivalente ao pretérito perfeito: decidirei, não parei, fiz, você escutou falar, as mulheres combateram, decidimos etc.]</i></p> <p><i>Alguns verbos no imperativo: asseyez-vous, imaginez, allez-y, pardonnez-moi [usado em várias ocasiões pelo apresentador], foutez-leur la paix. [sente-se, imagine, prossiga, desculpe-me, deixem-nas em paz etc.]</i></p> <p><i>Alguns verbos no futuro do pretérito: qu'est-ce que vous leur répondriez, quels sont les arguments que vous opposeriez, on aimerait parler, je voudrais poser, je voudrais qu'on vous écoute etc. [o que você responderia, que argumentos você oporia, gostaríamos de falar, eu gostaria de perguntar, gostaria que o escutemos etc.]</i></p> <p><i>Alguns verbos no pretérito imperfeito [principalmente nas sequências descritivas]: qui portaient, on avait ces débats, on nous disait he c'est une prescription religieuse donc on va pas pouvoir le fai j'étais au maquillage etc. [que vestiam, tínhamos esses debates, dizíamos, eu era etc.]</i></p>
Conexão	<p><i>Predominio de articuladores ou conectivos lógicos do discurso: mais, alors, d'abord, si, donc, puis pour, après, parce que, malgré, voilà, ensuite, c'est-à-dire, d'ailleurs, même si, car, plutôt, quand même, alors que etc. [mas, então, isto é, aliás, mesmo se, pois, em vez de, enquanto que etc.]</i></p> <p><i>Alguns conectivos temporais: dans un instant, au jour d'aujourd'hui, ici, dans dix ans etc. [num instante, hoje, aqui, daqui a dez anos]</i></p>

Modalizações	<p><i>Predomínio de modalizações apreciativas: je pense honnêtement, j'arrive difficilement à admettre, je pense que rien ne serait pire, je pense ça ferait le jeu justement des extrémistes, je trouve qu'il y a un risque, je pense que nous avons la loi etc. [eu penso, eu acho]</i></p> <p><i>Predomínio de modalizações pragmáticas: grande incidência de auxiliar modais, como visto acima, uso do futuro do pretérito (principalmente nas perguntas feitas pelo apresentador), conforme exemplos acima vistos. Alguns advérbios como: évidemment, certainement, absolument, justement [evidentemente, certamente, absolutamente, justamente]</i></p> <p><i>Algumas modalizações deônticas: il faut être très sincère, il faut aussi faire confiance au caractère vertueux de la loi de la République. [é preciso ser muito sincera, é preciso confiar no caráter virtuoso da lei da República]</i></p>
Vozes	<p>Nicolas Sarkozy voz de autoridade política, a voz do povo francês (<i>les gens, ici, en France</i> – as pessoas aqui na França), vozes de autoridades religiosas (católica – mandamentos e muçulmana – o profeta) Tariq Ramadan, Jamel Debbouze, voz de entidades simbólicas “a República Francesa” (seus valores), voz do partido comunista retomada de um discurso de “André Gérin”.</p>
Campo Lexical	<p><i>Predomínio do campo político: os valores da República, a lei, a proibição, a debate, o parlamento, o Presidente da República; e do campo religioso: muçulmano, espiritualidade, católico, profeta, religiosas, décimo primeiro mandamento etc.</i></p>

### 3. A manifestação linguística da polidez

A partir do modelo didático, foi-nos possível observar que o texto segue um roteiro previamente definido: apresentação do tema polêmico, apresentação dos participantes do debate, apresentação das diversas opiniões (prós e contras) cuja distribuição dos turnos fica por conta do apresentador do programa e, por fim, as palavras de conclusão com visto ao fechamento do debate.

No nível da *infraestrutura* do texto, o predomínio do discurso interativo (expor conjunto implicado) era, de certo modo, previsível, considerando o contexto de produção e a finalidade do debate de opinião, mas chamou nossa atenção a presença de pequenos fragmentos de relatos interativos (narrar disjunto implicado). O debate,

em alguns momentos, assemelhou-se a outros gêneros de textos como, por exemplo, a entrevista televisiva, principalmente em seu início – interação apresentador e locutor 1, portadora da burca – e o discurso político englobante, nas intervenções dos locutores 3 e 4, os dois políticos participantes do debate. Essa situação explica, como esclarece Bronckart (2006: 104), “a impossibilidade de classificação estável e definitiva dos gêneros [...] consequência da heterogeneidade e do caráter geralmente facultativo dos subsistemas que contribuem para a realização da intertextualidade”. Quanto aos tipos de sequências, as dialogais e argumentativas são, sem nenhuma novidade, as que predominaram o texto analisado, explicando a grande incidência de conectivos e de verbos de modalidade apreciativa “eu penso” e pragmática “você deve”.

No nível linguístico-discursivo, as unidades do segmento do texto remetem aos agentes da interação (eu, você, nós, vocês), ainda que esses agentes – ou vozes implícitas – estejam simbolicamente presentes, como: os telespectadores, o povo francês, as mulheres muçulmanas, os cidadãos franceses. Observou-se que o valor de solidariedade do “nós” (do “on”, em francês, equivalendo-se à expressão “a gente” com valor de nós) esteve a serviço da argumentação, com vistas a um efeito de persuasão, e não da polidez negativa, com vistas a um efeito de suavização da enunciação. Quanto às vozes explícitas de autoridades, políticas ou religiosas (Sarkozy, Tariq Ramadan, Jamel Debbouze etc.), estas visaram a sustentar os argumentos dos interactantes suscitando a polêmica ou a discussão. Com isso, pudemos verificar que os interactantes pouco recorreram a procedimentos *suavizadores substitutivos*, preferindo, quase sempre, em um contexto francês, as formulações mais diretas. Em um contexto de ensino-aprendizagem do FLE, essa questão merece, a nosso ver, ser discutida com os alunos.

Na análise da coesão verbal, observou-se a recorrência do verbo “gostar” no futuro do pretérito seguido de infinitivo (eu gostaria de...), considerado mais polido na formulação de perguntas, por parte do apresentador a seus convidados. Verificou-se, ainda, o predomínio de tempos verbais do modo indicativo: presente, futuro, “futur proche” e “passé composé” – futuro e passado recentes em francês, próprios da oralidade. O uso de verbos modais, com especial recorrência do verbo “querer” e “dever” no presente do indicativo, demonstraram entre os interactantes avaliações formuladas com vistas a agir sobre o outro ou, paradoxalmente, sobre si mesmo, introduzindo um julgamento sobre a responsabilidade do interlocutor, ou do próprio locutor, em relação à situação de ação da qual é agente: você deve pagar, eu devo dizer, eu quero dizer, eu quero parar etc.

Em função disso, no debate de opinião analisado, não pareceu haver, principalmente entre os convidados, preocupação em “suavizar os discursos” e preservar a face do outro. Ao contrário, no confronto de ideia e, sobretudo, na tentativa de invasão do turno do outro – algo recorrente e possível em um contexto francês –, as atitudes foram sempre diretas e, não raro, tensas, até mesmo entre os que partilhavam da mesma opinião. Vejamos os dois excertos a seguir:<sup>4</sup>

Apresentador: *Elle l’a reconnu elle a dit que c’est une tradition et qu’elle voulait se soumettre à une tradition* [ela reconheceu ela disse que se tratava de uma tradição e que queria submeter-se a uma tradição]

Portadora da burca: *oui oui j’ai dit que c’était une tradition musulmane* [sim sim eu disse que se tratava de uma tradição muçulmana]

Política francesa: *non non mais voilà attendez on vous a laissé on vous a écouté madame donc voilà hein* [não não mas então espere deixamos escutamos você senhora então é isso]

Portadora da burca: *oui oui mais allez-y j’voulais simplement rectifier un petit* [sim sim mas continue eu queria simplesmente retificar um pequeno]

Loc. 3: *donc on vous a écouté donc vous écoutez les autres* [escutamos você então você escuta os outros]

Portadora da burca: *oui mais allez-y allez-y* [sim mas continue continue]

Política francesa: *mais c’est pas à vous de distribuer la parole* (aplausos e vaias do público) *donc mais oui* [mas não é você que deve distribuir a palavra (aplausos e vaias do público) então... mas sim]

Apresentador: *merci d’écouter* [obrigado por escutar] [...]

Apresentador: *mais d’accord mais* [mas concordo mas]

Professor: *sur le fond foutez-leur la paix* [no fundo deixem-nas em paz]

Portadora da burca: *Merci* [obrigado]

Professor: *foutez-leur la paix* (aplausos do público) [deixem-nas em paz] [...]

Observa-se que o locutor 3 (a política francesa) ameaça a face do locutor 1 (a portadora da burca), lembrando não ser o papel dela

---

<sup>4</sup> Considerando os objetivos deste estudo, optamos por não reproduzir os excertos com sinais de transcrição, facilitando a leitura dos exemplos citados e possibilitando sua tradução.

distribuir a fala entre os participantes, desencadeando uma forte reação do público, momento de vaias durante o programa, o que nos leva a pensar não ter sido socialmente aceitável. O locutor 5 (o professor) posiciona-se claramente, solicitando, até mesmo exigindo (emprego do imperativo), que a “sociedade francesa deixe as mulheres portadoras da burca em paz”. O que provocou os aplausos do público. A partir desses dois momentos, observa-se que a polidez deve ser entendida como uma conduta desejada entre enunciador e destinatário, mas, conforme esclarece Urbano (2008: 207), não é obrigatória nem necessária para um bom relacionamento social na interação face a face. Contudo, a descortesia é indesejável, aparece geralmente marcada e nunca é socialmente neutra, o que explicaria a reação negativa do público, no primeiro excerto.

Posto isso, não se verificou o uso de *suavizadores substitutivos* no texto analisado. Quando ao uso de *suavizadores acompanhantes*, estes, também, não se materializaram de forma expressiva. Entretanto, é-nos possível afirmar que apareceram mais nas falas do apresentador e, em menor grau, nas intervenções do locutor 1 que, no papel de “vítima” (mulher muçulmana portadora da burca), pareceu-nos, às vezes, preocupada em manter certa harmonia nas interações. Leiam-se os seguintes excertos:

Apresentador: *mais Kenza j'vous j'vous parraître provocant parce qu' il faudrait qu'on arrive à clarifier la situation en France... vous avez entendu parler du féminisme?* [mas Kenza vou parecer provocador porque precisaríamos conseguir esclarecer a situação na França... você escutou falar do feminismo?]

Loc 1: *oui tout à fait* [sim claro]

Apresentador: *vous savez que les féministes ne supportent pas cette idée au delà de l'aspect culturel cette idée de la femme voilée* [você sabe que as feministas não suportam essa ideia além do aspecto cultural essa ideia da mulher com véu]

Loc 1: *hum hum*

Apresentador: *vous avez des problèmes de sécurité imaginez que vous soyez et et moi j'suis pas du tout en train de faire un amalgame entre* [você sabe que problemas de segurança imagine que você esteja e e eu eu não estou fazendo um amálgama entre]

Loc 1: *oui oui non mais oui oui allez-y* [sim sim mas não continue]

Apresentador: *l'Islam et la burqa* [O Islã e a burca]

Loc 1: *bien sûr bien sûr* [claro claro]

Apresentador: *imaginez que des gens se promènent dans l'espace public avec cette accoutrement pardonnez-moi hein parce que je vous trouve vous allez me trouver gonflé mais et avec un pain de dynamite planqué que ce soit un homme une femme c'est impossible* [imagine que você esteja passeando no espaço público com essa vestimenta desculpe-me porque eu acho você vai me achar prepotente mas e com dinamite que seja um homem ou uma mulher por debaixo é impossível]

Loc 1: *d'accord d'accord* [certo certo]

Apresentador: *y a un problème* [temos um problema]

Loc 1: *j'vais me permettre de de vous couper pour vous dire alors le féminisme j'en ai entendu parler j'en ai entendu [sic] parler j'vais vous dire sincèrement depuis cette polémique on a on n'arrête pas de me parler du féminisme* [permito-me interrompê-lo para dizer que então as feministas ouvi falar eu vou dizer sinceramente a partir desta polêmica não pararam de falar do feminismo] [...]

Apresentador: *je vais vous présenter en vous remerciant d'être venue je vais vous présenter deux citations et après j'vais demander à Marie France avant qu'on en débâte avec nos nos amis de témoigner aussi première citation Nicolas Sarkozy est le Président de la République "la burqa" a-t-il dit "n'est pas bienvenue sur le territoire de la République et il ajoute le problème de la burqa n'est pas un problème religieux" s'adresse pas à vous mais à tout le monde "c'est un problème de liberté de dignité de la femme ce n'est pas un signe religieux c'est un signe. d 'asservissement" dit-il [...]* [apresento duas citações e depois vou perguntar para Marie France antes de debater com nossos amigos de testemunhar também primeira citação... Nicolas Sarkozy... é o Presidente da República "a burca" disse ele "não é bem-vinda no território da República e" ele acrescenta "o problema da burca não é um problema religioso..." não se dirige a você mas a todo o mundo "é um problema de liberdade de dignidade da mulher não é um signo religioso é um signo de... de escravidão" disse ele] [...]

Loc 1: *non non c'est pas la même chose* [não não é a mesma coisa]

Apresentador: *c'est pas la même chose non mais d'accord* [não é a mesma coisa não mas certo]

Loc 1: *no/non excusez-moi c'est pas la même chose* [não desculpe-me não é a mesma coisa]

Apresentador: *mais d'accord non mais je sais* [não mas certo não mas eu sei] [...]

Verifica-se, principalmente nas perguntas do apresentador endereçadas ao locutor 1 (a portadora da burca), a recorrência de procedimentos de reformulações explícitas de reparação e de justificação ("je vais vous paraître provocant", eu vou parecer provocador, "pardonnez-moi", peço desculpas, "vous allez me trouver gonflé", você vai me achar prepotente) com vistas à preservação da face do locutor 1 ou, de certa forma, de sua própria face na eventualidade de parecer arrogante, ou preconceituoso, considerando o tema delicado colocado em discussão. O locutor 1, também, recorre a esse tipo de procedimento, no primeiro e no terceiro excertos ("je vais me permettre de vous couper", permito-me interrompê-lo, "excusez-moi", desculpe-me), antes de introduzir sem ponto de vista. No segundo excerto, o apresentador, de certa forma, "esclarece" o pronunciamento de Sarkozy acrescentando que a citação do Presidente da República, segundo o qual o uso da burca não é um problema religioso, não se dirige à portadora de burca (locutor 1), mas a todo o mundo, numa tentativa de preservação de sua face.

Quanto à manifestação linguística de polidez positiva, foi-nos possível observar que, em diversas ocasiões, o locutor 1 posicionou-se positivamente ("d'accord", concordando, "bien sûr", certamente, "allez-y", incentivando o outro a continuar), até mesmo em situação de desacordo, procurando manter certa harmonia com seus interactantes. Entretanto, esses procedimentos materializaram-se, sobretudo, nas expressões de agradecimento ("merci", obrigado) e de boas-vindas ("bonsoir", boa-noite), por parte do apresentador, próprio da situação de ação do debate televisivo ("en vous remerciant d'être venue", agradecendo você por ter vindo, como aparece no excerto acima transcrito).

A partir desta análise, pode-se concluir que os mecanismos enunciativos e de textualização da polidez, que se fundamenta sobre a noção de *face*, apareceram pouco nas interações entre os participantes, no debate de opinião televisivo francês analisado neste artigo. A preocupação de manter certa harmonia, na organização dos turnos, evidenciou-se principalmente nas falas do apresentador, em função de seu papel de mediador do debate e, por vezes, nas intervenções do locutor 1, em função de questões *socio subjetivas*, que acreditamos poder atribuir à posição, de certa forma, menos "favorável" desse interactante no debate em questão.

## Considerações finais

Este artigo teve por objetivo apresentar uma reflexão desenvolvida a partir do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo. A análise que, aqui, realizamos do texto "debate de opinião", em um contexto francês, procurou colocar em evidência a relevância do modelo didático no agir do professor que, a partir de sua análise, toma consciência das particularidades do gênero, evitando, com isso, trabalhos de interação em sala de aula desprovidos de significações e, não raro, distantes da realidade, tanto linguística como social, que construímos com base na nossa intuição ou na nossa cultura de referência.

Em um contexto francês, alguns aspectos, com base na análise, chamaram nossa atenção, como a preferência pelo uso de formulações mais diretas na tomadas de posições, sem necessidade de modalizações, e as frequentes tentativas de evasão do turno do outro, situação possível e relativamente aceitável em um contexto francês, ainda que sob o controle do apresentador-mediador.

Na montagem de um projeto de classe em FLE, a partir do gênero textual debate de opinião, aspectos linguístico-discursivos em torno da argumentação, do uso de tempos verbais e de expressões próprias da oralidade, neste contexto de interação, devem ser trabalhadas. Vimos também que o papel das vozes implícitas, nesse gênero de texto, bem como as peculiaridades do uso do "on" (nós, a gente) em francês merecem ser abordados.

Em relação aos mecanismos de textualização e de enunciação da polidez linguística, verificou-se que poderão ser objeto de aprendizagem com o objetivo de demonstrar aos alunos que tais mecanismos dependem do papel social, no caso do apresentador, bem como do caráter *sociosubjetivo* dos elementos que participam do debate, no caso da interactante portadora de burca. Assim, esses mecanismos dependerão, como sugerimos na introdução deste artigo, de certo "saber ser" (CONSEIL DE L'EUROPE, 2000), ou seja, da imagem que o locutor, enunciador participante, pretende construir de si mesmo e dos outros, nesse contexto de interação social.

Isso posto, aspectos linguístico-discursivos ligados ao conceito de polidez deverão ser levado em consideração, principalmente para aquele que assumir o papel de mediador. Contudo, a polidez linguística poderá, ainda, servir de meio languageiro de personalização de um dos participantes, demonstrando-se, para os alunos, o papel de mediação da linguagem, e do gênero, na constituição do sujeito, em determinada situação de ação.

Por fim, o modelo didático do gênero debate de opinião, desenvolvido neste estudo, aponta as dimensões ensináveis desse tipo de texto sem, no entanto, esgotar as inúmeras possibilidades existentes, pois seria necessário proceder à análise de vários tipos de texto, do mesmo gênero, a fim de entender quais são suas características mais estáveis. Com isso, acreditamos que essa análise poderá contribuir para novos trabalhos sobre o gênero debate de opinião, em um contexto de ensino-aprendizagem do FLE.

## Referências

- ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- BAKHTIN, M. *Esthétique de la création verbale*. Trad. Alfreda Aucouturier. Paris: Gallimard, 1979.
- BÉRARD, E. Quand l'enseignant est conduit à changer de rôle. *Français dans le Monde*, v. 369: 22-23, mai/juin 2010.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Trad. Anna Rachel Machado e Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Atividade de linguagem, textos e discursos por um interacionismo sociodiscursivo*. 2. ed. São Paulo: Educ, 2009.
- CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre Commun de Référence pour les Langues: apprendre, enseigner, évaluer*. Paris: Didier, 2000.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CRISTOVÃO, V. L. L. Sequências didáticas para o ensino de línguas. In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2009. p. 305-344.
- JERECZEK-LIPINSKA, J. L'implicite, le chaînon manquant. *Français dans le Monde*, v. 357: 33, mai/juin 2007.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.
- LOUSADA, E. *A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos*. In: EPED, 2., 2010, São Paulo. [S.n]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 2. ed. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2010.

Silva, Sandra Falcão. Debate de opinião: perspectiva discursiva em um contexto de ensino-aprendizagem do francês como a língua estrangeira. *Revista Intercâmbio*, v. XXIV: 65-90, 2011. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

URBANO, H. Cortesia na literatura: manifestações do narrador na interação com o leitor. In: PRETI, D. (Org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 235-275.